

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

SOCIEDADE DEPRESSIVA, SOCIEDADE NARCISISTA: DERROTA DE EROS?

Maria Sílvia Borghese

Eros e Civilização de Herbert Marcuse é, como sabemos, uma das obras fundamentais de um dos autores da Teoria Crítica da Sociedade, da – assim chamada – Escola de Frankfurt. Publicado em 1955, o livro é, grosso modo, uma tentativa de (re)conciliação entre as ideias de Freud e Marx. A julgar pela escolha do tema central deste congresso, podemos afirmar que as noções ali desenvolvidas seguem vivas e ainda merecedoras de destaque no debate contemporâneo sobre sofrimento mental e patologias do social. Marcuse, se vivo fosse, talvez não estivesse surpreso com as mazelas psíquicas da contemporaneidade, sobretudo a depressão e os aprisionamentos narcísicos, expressões hoje também utilizadas, por empréstimo, na compreensão das condições sociais impostas pelo capitalismo (utiliza-se de modo até corriqueiro as expressões *sociedade depressiva* e/ou *sociedade narcisista*). Mas, provavelmente, ele ainda estaria se perguntando porque o esclarecimento não evitou a degradação das condições sociais de existência, ao contrário do que se supôs inicialmente. Na tentativa, portanto, de lançar luz à questão formulada no título do presente trabalho, recorro de saída ao próprio Marcuse.

Eros e Civilização: o título expressou um pensamento otimista, eufemístico, mesmo positivo, isto é. que as realizações da sociedade industrial avançada habilitariam o homem a inverter o rumo do progresso, a romper a união fatal de produtividade e destruição, de liberdade e repressão... Esse otimismo baseava-se no pressuposto de que deixara de prevalecer o fundamento lógico para a contínua aceitação da dominação, que a carência e a necessidade da labuta só 'artificialmente' eram perpetuadas – no interesse de preservar o sistema de dominação. Negligenciei ou minimizei o fato de esse fundamento lógico 'obsoleto' ter sido amplamente reforçado (se não substituído) por formas ainda mais eficientes de controle social. (Marcuse, prefácio político, 1955/1966).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A abertura do 'Prefácio Político' de Marcuse, adicionado ao livro em 1966, impressiona ainda hoje, quase seis décadas decorridas, pela flagrante atualidade e precisão. O autor deixa explícito que para entendermos a dominação e o fracasso civilizatório seria fundamental compreender os principais mecanismos de controle social exercido sobre os sujeitos: dos recônditos mais íntimos de sua vida privada até a dimensão social, em todos os modos de coletivização e de vida em sociedade. Onze anos depois da publicação do livro, Marcuse inicia seu prefácio dizendo que não segue mais tão otimista. Na primeira edição (1955), Marcuse questionara profundamente as estruturas sociais, propondo alternativas radicalmente diferentes, a partir da criação de comunidades, de uma vida em sociedade regida pelas ligações afetivas e eróticas, a partir de estruturas sociais que não fossem sustentadas pela repressão e dominação.

Contudo, em seu prefácio político, Marcuse parece se dar conta de que o caminho era bastante mais complexo, sugerindo o aprofundamento de alguns pontos centrais de suas ideias. O autor defende, assim, que a elucidação das categorias psicológicas é fundamental – uma vez que estas se converteram em categorias políticas –, na elucidação dos impasses persistentes na vida em sociedade. Segundo ele, somente os processos particulares, os distúrbios pessoais, poderiam ajudar a compreender claramente as desordens gerais. Retomando o percurso de Freud, Marcuse destaca como a psicanálise pôde se colocar como um instrumento que desvela e denuncia, partindo da escuta clínica, as armadilhas refletidas nos sujeitos e sofisticadas nas estruturas institucionais da civilização. As sociedades capitalistas, que se pretendem civilizadas, baseiam-se plenamente na subjugação da pulsão, sendo a renúncia e a dilação da satisfação os elementos básicos e constitutivos do progresso, sempre vinculado a uma intensificada ausência de liberdade. Isso, Freud já havia escrito em 'O mal estar na civilização' (1929). Entretanto, Marcuse certamente vai além, ao afirmar que a aplicação direta da psicanálise e da psiquiatria para fins de análise de acontecimentos sociais e políticos, à luz de fenômenos individuais/subjetivos, é fundamental para a compreensão das questões sociais.

Trata-se, portanto, de extrair dos fenômenos individuais, das manifestações subjetivas, as impressões de natureza social e institucional, que lhes são também determinantes, ainda que este critério seja, inescapavelmente, viciado pelos mesmos critérios que o geraram. Um bom exemplo, já entrando no ponto central da presente reflexão, é a compreensão de que a ciclotimia, categoria largamente empregada para explicar o funcionamento mental, é também própria do capitalismo, regido pelas tais leis

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

de mercado e da exploração da força de trabalho. A circularidade, a qual Marcuse se refere, é flagrante. Quando a *depressão*, no seio da língua, passa de econômica a psíquica, o deslocamento produzido revela de maneira inequívoca que, no final das contas, segue se tratando da mesma questão de natureza ideológica, que se desloca de um campo para o outro. Caso contrário, estaríamos obrigados a acreditar que os suicídios cometidos após a depressão econômica de 1929, por exemplo, poderiam ser compreendidos apenas pelo exame das condições psíquicas de determinados sujeitos. É imprescindível, portanto, compreender que a noção de capital – capital de energia – é, ao mesmo tempo, aplicada ideologicamente ao contingente monetário disponível e conquistável, mas também à uma energia psíquica, nervosa, humoral ou moral do sujeito, que necessita manter-se em alta para garantir algum poder e pertencimento social.

O *doente*, o paciente depressivo ou deprimido de que se ocupa a psiquiatria, principalmente depois do desenvolvimento das medicações antidepressivas, vem sendo concebido como portador de um capital de energia que o tratamento deve manter em um nível adequado para garantir a produtividade. Enquanto o sujeito histórico se debatia e procurava escapar dessa lógica, o deprimido se coloca dentro dela. A depressão do sujeito certamente se posiciona como uma explicação ideologicamente plausível, já que este oscilaria entre a *culpabilização* moral e a limitação de sua doença identificada pela ciência. Tomando, em contraposição, a melancolia ou até mesmo a neurastenia, sabemos que a clínica psiquiátrica do século XIX tinha por referência uma noção de afetividade e de ética, que não se reduzia a uma bipolaridade simplista de baixa e de alta de alguma substância neuroquímica, por exemplo. A difusão do termo depressão é também, e principalmente, sinal das relações de dominação que fundam e estruturam o sistema capitalista, ao qual as ciências e suas produções também estão subordinadas.

O sujeito da civilização é moldado por uma cadeia de renúncias, precisa dar mais do que receber, sua adaptação à sociedade exige um *plus* de renúncia de suas satisfações pessoais, que incide diretamente e de maneira funesta sobre o *plus* de prazer pulsional, único motor capaz de impulsionar o ser humano na direção de uma existência diferenciada. Mas como é possível manter a absoluta maioria da população vivendo em insatisfação crescente e persistente até o dia de sua morte, tal qual o cavalo da fábula mencionada por Freud em seu texto de 1929?

Freud, aliás, emprega essa fábula justamente para ilustrar como a civilização impõe restrições crescentes às pulsões humanas, em uma crítica sobre as exigências repressivas da sociedade, que geram o mal-estar particular e o inescapável substrato

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

da violência na vida em coletividade. É na medida em que as condições sociais se impõem de modo tão predominante sobre a existência humana que os autores da chamada Escola de Frankfurt, dentre eles Marcuse, sugerem o resgate da psicanálise como uma via importante de esclarecimento, uma vez que desvela exatamente a contradição entre o homem e a civilização, inclusive no que se refere à própria mitificação da ciência.

Roudinesco (2000) cunha a expressão *sociedade depressiva*, justamente ao buscar analisar porque a psicanálise não se converteu em um anacronismo, ressaltando, sobretudo, que o sofrimento psíquico se expressa atualmente sob a forma de depressão, resultante do vazio de desejo. Segundo a autora, a era da individualidade substituiu a da subjetividade. O ser humano se transformou no contrário de um sujeito. Passou a ser compreendido como um ser autônomo, anônimo, pertencente a uma totalidade orgânica, mas apenas sob certas condições.

E que condições são essas? A saída ilusória desse vazio do desejo, dessa depressão necessária à sobrevivência psíquica, aponta para o outro eixo do título, o que hoje se denomina vulgarmente de sociedade narcisista. Expressão foi cunhada por Christopher Lasch, em seu livro *A cultura do narcisismo* (1979). Lasch era historiador e pesquisador também ligado aos autores da Escola de Frankfurt, mas viveu nos EUA, o centro do capitalismo moderno. O autor argumentava que a sociedade capitalista fomenta o narcisismo como lógica que sustenta as senhas sociais de pertencimento: o consumismo, a mídia, a ênfase crescente na autoimagem e na realização pessoal, em detrimento de valores comunitários e das relações afetivas profundas. Todos devem ser seres autônomos, empreendedores de si mesmos, esvaziados de desejo, mas submetidos ao escrutínio mais cruel de um supereu que, forjado também a partir da relação com o outro e com a cultura, impõe cada vez mais desafios a serem vencidos, como forma de garantir o pertencimento social sempre fugaz.

Como psicanalistas, sabemos que a abrangência multidisciplinar é assim imprescindível para a reflexão e o entendimento do adoecimento psíquico, é fundamental compreender o quanto as graves mazelas decorrentes da sociedade desigual e injusta do neoliberalismo segue adoecendo e restringindo a vida – e, conseqüentemente, a vida psíquica – dos sujeitos.

A *culpabilização* individual e o aprisionamento dos sujeitos à lógica depressiva e/ou narcisista seguem sendo os principais pilares de sustentação de um modo de vida, no qual a grande maioria das populações mundiais vive em condições bastante difíceis de subsistência. Nas sociedades ditas democráticas, a violência tácita se dissemina

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

através de noções como *meritocracia*, *qualidade de vida*, *empreendedorismo*. Em tempos de redes sociais, a vida nunca foi tão administrada e controlada. As pessoas são submetidas à lógica narcisista das construções individualmente bem-sucedidas, sendo confrontadas com sua dimensão de fracasso diariamente, uma vez que a exclusão da maioria da população mundial, que não tem acesso aos bens de consumo e a condições dignas de existência, está assentada exatamente na exacerbação do mal-estar individual e da depressão de cada um. As sociedades capitalistas, neoliberais, estruturam-se nas classificações dos sujeitos a partir de suas características, suas impossibilidades e seus sofrimentos, compreendidos também a partir de suas próprias inabilidades e incompetências em se tornar empreendedores de si mesmo, mas, sobretudo, de corresponder aos padrões de vida ditados. É preciso ter a aparência correta, a raça pura, o gênero binário etc.

A psicanálise se vê confrontada assim com importantes discussões sobre a cena social, pois racismo, homofobia, misoginia, xenofobia, pobreza e miséria, estruturais na sociedade capitalista, são a origem da absoluta maioria das condições de adoecimento mental das populações. Obviamente, tornou-se fundamental a democratização do acesso ao tratamento psicanalítico e à formação de psicanalistas oriundos das classes sociais mais pobres e submetidas a esse estado de coisas, colocando-se, além disso, a necessidade de revisão da teoria, da produção de pensamento psicanalítico a partir dessa abrangência de conhecimentos que envolvam, não apenas, outras disciplinas, mas sobretudo os autores que geralmente são silenciados e ocultados nos espaços de formação psicanalítica ou acadêmica. Cito aqui, especialmente, o importante resgate que vem sendo feito de autores como Neusa Santos Souza, Franz Fanon, Achille Mbembe, Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, entre tantos outros.

Com a ascensão do *neofascismo* no Brasil (e no mundo) e a chegada da pandemia de Coronavírus, viu-se uma escalada de adoecimento e sofrimento mental exponencial, com consultórios de psicoterapia lotados, atendimentos online sendo feitos *em série*. Evidenciou-se, de modo inquestionável e ampliado, que as condições de vida adoeciam psicicamente, tanto pelo confinamento da parcela da população privilegiada, quanto pela exposição compulsória das pessoas que não tinham meios de se proteger da contaminação pelo vírus. A população mais pobre, periférica, majoritariamente preta, viu-se muito mais impactada pelo desemprego e o agravamento da falta de serviços e condições dignas de vida. A explicação das doenças mentais pela perspectiva organicista ou individualizada não era suficiente para a compreensão do agravamento das crises depressivas, de ansiedade e tentativas de suicídio, em uma sociedade que

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

vivia perdas de pessoas queridas, atravessando uma espécie de luto coletivo sem precedentes.

Claro está que as práticas psicoterapêuticas, entre elas a psicanálise, são instrumentos fundamentais para tratamento e suporte ao sofrimento psíquico. Vimos acontecer uma importante proliferação de projetos públicos e coletivos de atendimento às populações mais impactadas. Porém, a reflexão sobre as atuais condições de existência obriga não apenas a intervenções coletivas, mas também à implementação de políticas públicas, assentadas em debates consistentes sobre a dimensão social do adoecimento mental. Na medida em que as práticas psicoterapêuticas, especialmente a psicanálise, passam a ser demandadas a dar respostas e soluções ao adoecimento mental, retornam também as críticas ferozes à sua suposta *não cientificidade*. Tomando como critérios, princípios da ciência exata, alguns autores passaram novamente a tentar desqualificar a psicanálise – teoria e prática. Desde o seu surgimento, ataques à cientificidade da psicanálise acontecem de tempos em tempos, a partir de publicações de amplo alcance midiático, que, defendendo critérios ‘positivistas’, acabam por encerrar nos próprios sujeitos a origem e manutenção de seu sofrimento mental. O sujeito empreendedor de si mesmo seria o único responsável por seus fracassos e pelo seu adoecimento físico e mental.

Vale destacar, essa não é uma discussão secundária entre diferentes campos de conhecimento acerca do adoecimento psíquico. Na verdade, encontra-se nela o cerne da sustentação da atual lógica social que, quanto mais questionada e desvelada, mais tende a caminhar para o acirramento de polarizações seja no âmbito político quanto no econômico. As cisões, assim exacerbadas, permitem-nos compreender o surgimento de cada vez mais praças de guerra, o aumento de episódios execráveis de racismo e xenofobia, pois quando os mecanismos de repressão e controle social são desvendados e fragilizados, resta como sempre o poder da força, a violência direta contra os corpos, a morte.

Inclui-se aqui, a complexa e conflitiva relação dos sujeitos com seu corpo e sua imagem, concebidos como requisitos na obtenção do passaporte que garantiria pertencimento social. As constantes intervenções corporais, nos dias de hoje, decorrentes de uma necessidade de modelização e modelagem dos corpos, sustentam-se em movimentos regidos por algum tipo de simbolização psíquica? Ao contrário do *acting-out* presente na histeria, com sua evidente carga simbólica a ser desvelada, a saída psíquica encontrada nesses casos seria fundamentalmente a *passagem ao ato*? A ação sobre o corpo, na maioria dos casos brutal e violenta, faria desaparecer as

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

possibilidades de elaboração psíquica e da conseqüente simbolização? Estaríamos testemunhando a derrota de Eros?

Nas patologias adjetivadas como *contemporâneas*, o silêncio simbólico se manifesta no registro do somático. O estresse físico e psíquico, o pânico, as perturbações psicossomáticas, as distorções e angústias diante da própria imagem, geradoras inclusive de ataques impensáveis contra a integridade física dos sujeitos são exemplos disso. O desvelamento dos movimentos psíquicos concernentes à obsessão pela imagem conduz ao exame das condições presentes em uma cultura, que faz coincidir o belo, o jovem e o saudável como expressões quase sinônimas, tornando-as credenciais para o pertencimento social e para a troca amorosa da vida adulta. Não se pode esquecer que as experiências narcisistas, estruturantes ou patológicas, estão articuladas a não menos fundamental *presença do corpo na experiência do sujeito*, no qual está enraizada a experiência da dor.

As mazelas e as dores corporais retiram do sujeito qualquer interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que elas não ‘teriam relação’ com seu sofrimento. O desvendamento da trama urdida no tecido social, a meu ver, não pode ser posto em segundo plano pelos psicanalistas. Em seu aspecto social, o ideal do Eu é também o ideal comum de uma família, de uma classe, uma nação. A insatisfação pelo não cumprimento do ideal se transforma em consciência de culpa ou angústia social, como bem ensinou Freud. A administração da vida em sociedade, que invadiu os espaços privados, chegando aos nossos corpos, visa e necessita de indivíduos, como aqueles que são recrutados pelo coaching: *você consegue, basta ser positivo, você pode ser o que você quiser, pare de dar desculpas, o que é seu está a seu alcance, basta querer pegar...* Existem frases mais violentas do que essas? Fazendo um exercício de tradução livre de ideias como essas: *você pode escolher entre desinvestir a vida, deprimir, ser um ‘loser’ ou sair por aí perseguindo os ideais, tornando-se um indivíduo bem sucedido, que só depende de si mesmo, um ‘influencer’ de sucesso.*

Finalizando: se estes são os dois pólos oferecidos para seguir vivendo nas sociedades capitalistas do século XXI, Eros sairá realmente derrotado. A vida sustentada principalmente pelos algoritmos das redes sociais, visam ao enclausuramento dos sujeitos em cenas imaginárias. No entanto, cabe retomar a pergunta de Roudinesco: por que a psicanálise não se converteu em anacronismo? A meu ver, porque não tem nada mais *erótico* atualmente do que se encontrar com alguém e ser verdadeiramente escutado. A invenção freudiana, na medida em que possibilitar

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

a compreensão profunda do sujeito contemporâneo e seus sofrimentos, permanece revolucionária, na exata medida proposta por Marcuse em seu *Prefácio Político*.

Referencias bibliográficas:

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1929/2010. (Sigmund Freud. Obras Completas).

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: avida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1979/1983.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Guanabara: 1955/1966.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: 2000.